

Airson Oiveira



**Contos
&
Crônicas**

**Um Mergulho em Contos e Crônicas
da Vida Real e da Ficção**

CONTOS & CRÔNICAS

Airson Oliveira

ÍNDICE

1.0 – PALAVRAS DO AUTOR

1.1.- Palavras do Autor.....	4
------------------------------	---

2.0 – DADOS DO AUTOR

2.1 – Dados do Autor.....	5
---------------------------	---

3.0 - CONTOS

3.1 - A história de Mel Gibson.....	7
3.2 – Cheguei até a ouvir uma orquestra ilusória de sons inaudíveis tocando.....	14
3.3 – A revolta dos instrumentos.....	16

4.0 - CRÔNICAS

4.1 – Isso vai muito além dos sentimentos.....	22
4.2 – Ah! 2016... Porque fizestes isso conosco.....	24
4.3 – O Espírito do Natal.....	26

PALAVRAS DO AUTOR

Amigos, como é bom estar com vocês compartilhando este trabalho intitulado “Contos & Crônicas” com textos escolhidos para compor esta obra. Espero que gostem e após deleitarem-se, alguns sintam-se inseridos nessa viagem literária.

Alguns são temas escritos do cotidiano diário, outros são obras de ficção, mas todos refletem sentimentos do íntimo, do ser, de um caminhar e viver que ao serem formatado dia a dia, aos poucos se tornaram parte deste livro, sendo simplesmente mais um de meus pedaços.

Airson Oliveira

DADOS DO AUTOR



Airson Oliveira

Informações de Contato

Página do facebook: Airson Oliveira

E-mail: airson.oliveira@hotmail.com.br

airson.oliveira@eletrobrasalagoas.com

<http://www.airsonoliveira.recantodasletras.com.br>

3.0 - CONTOS

3.1 - A História de Mel Gibson



Todo dia levanto cedinho com o alarme de meu celular tocando, levanto-me e depois de um demorado banho tomo um copo de iogurte com umas barras de cereais, volto ao quarto encontro minha esposa, ainda deitada e pergunto:

- Amor, Eu já falei que te amo hoje?

E antes mesmo dela responder, completo:

- Eu te amo!

E com cara de felicidade Ela responde:

- Eu também te amo!

Mais rápido do que depressa, pego meu possante e vou pra labuta. Pendurado no retrovisor de meu carro, um terço que trás na parte central uma medalha de São Francisco de Assis, minha mão dirige-se ao crucifixo com a imagem de Jesus, faço uma oração agradecendo mais um dia de vida e peço proteção para o novo dia que amanhece.

Depois de alguns instantes e de grandes engarrafamentos, chego à empresa onde trabalho, tenho que tomar cuidado para não atropelar os inúmeros gatos que rondam pra lá e pra cá no pátio do estacionamento do Iraque, como é conhecido o setor da área de plantão da empresa onde trabalho.

Mas nosso conto é inspirado na história de um filhote de um casal de gatos, e a vocação de Nynha, de procriar de quatro em quatro meses, é só suas crias desmamarem que a mãezona volta a entrar no cio. Impressionante.

Nynha é uma gata linda de cor cinza com pintas pretas, rabo fofo e de uma meiguice cativante. Seu companheiro era um gato branco bonitão chamado Mustafá, seu pelo liso e fofo parecia um floco de algodão, era como se fosse o paizão da cambada e impunha respeito no pedaço. Sim, impunha, porque Mustafá partiu, apareceu morto, provavelmente foi atropelado. Lamentamos, ele era muito querido.

Quase sempre antes de subir para minha sala, que fica no primeiro andar, dou uma espiadinha na turma. Nynha e seus gatinhos geralmente ficam numa caixa de papelão ao lado da porta da sala da copa, às vezes os filhotes dão um giro para fazer um reconhecimento do local, mais a gatarrada toda, como sempre, estão por lá fazendo suas boquinhas e fartando-se nos potes de

ração e água. Quem cuida dessa área é um casal de colegas que trabalha no setor, Fernando e Buriti, que providenciam a alimentação e retribuem com atenção e amor os carinhos recebidos. Os felinos são livres, vão e voltam, por isso, às vezes, alguns aparecem machucados e carecem de cuidados especiais e mais atenção.

Em abril de 2013, Nynha deu cria a três gatinhos. Apaixonei-me por um de olhos azuis, pelo bege claro com manchas marrom nas patinhas e orelhas, era muito fofo e bonito, em conversa com a dona Vânia, a nossa colega da copa, mostrei interesse por ele, e Ela falou:

- É macho.

Fiquei observando a ninhada por alguns instantes, depois levantei o gatinho de olhos azuis com a mão esquerda a altura de meus olhos, fitando-o disse:

- Vou te levar pra casa, tu vai ser meu.

Tirei uma bela foto dele no celular, queria mostrar a minha esposa aquela fofura porque já tinha comentado com ela meu desejo de trazer esse filhotinho de gato pra nossa casa, tendo Ela concordado.



Passaram-se alguns dias e assim foi feito, fiz uma surpresa quando cheguei em casa com aquele minúsculo gatinho de olhos azuis que mal cabia na palma de minha mão. Minha esposa adorou, ela também ama animais, pegou, fez alguns carinhos e perguntou:

- Que nome vamos dar a ele.

Prontamente respondi:

- O que achas de Bob?

Ela adorou e dando um beijinho nele disse:

- Seja bem-vindo a sua casa Bob.

E prontamente ofereceu uma porção de leite diluído n'água, na concha que ela formara na palma de sua mão, ele se fartou se lambuzou, se acomodou e dormiu. Começava aí uma bela história de amizade e amor entre Bob, Roberta minha esposa e eu. No outro dia saímos e compramos cama e outros utensílios para ele. Era Bob pra qui, Bob pra li, era o xodó da casa e lá mandava e tinha mais regalias que eu.

Depois de alguns dias levamos o Bob ao veterinário, ele deveria ter aproximadamente uns quarenta dias de nascido, e tomamos um susto quando o médico falou:

- É uma gata!

- Ah! Não, exclamou minha esposa.

- Como é que vai ser se ele já está se acostumando a ser chamado de Bob. Que vexame, temos que pensar em outro nome para a gatinha.

Tomou vacina, foi examinada e o veterinário completou:

- Nesta idade é difícil diagnosticar o sexo dos felinos, mais acho que é uma linda gatinha.

Ainda desconfiados, fomos pra casa e discutimos qual o nome que deveríamos chamar nossa gatinha.

Minha esposa sugeriu:

- O que acha de Bo.

E Eu respondi:

- Tendo “ela” de uma pelagem bege com toques da cor de mel, sugiro que a chamemos de Mel.

- Ótimo! Gostei, respondeu ela.

E assim ficou o gatinho que era Bob depois da nova descoberta passou a ser uma gatinha chamada Mel. Agora era Mel pra cá, Mel pra lá e continuava sendo a alegria da casa.

Depois de um mês, de volta ao veterinário para tomar uma dose de vacina, tivemos outra surpresa, examinando com mais cautela nossa gatinha o médico disse:

- Desculpem gente me enganei, não é uma gata, é um gato!

Nossa fisionomia transformou-se num misto de descontentamento e revolta e minha esposa falou:

- Como... Um gato!

- Sim, respondeu o veterinário.

- E com muita saúde, completou dando a vacina antirrábica.

Saímos do consultório e fomos pra casa, com um gato macho chamado Mel. Mais como pode um gato macho ser chamado de Mel, pensava eu com meus botões. E minha esposa também estava triste com a novidade, porque nossa “gata” se acostumara a ser chamada de Mel e agora não era gata na verdade era um “gato”, e ficamos de escolher um novo nome para ele.

No outro dia minha esposa quando chegou ao seu trabalho, comentou com uma amiga o ocorrido com o equívoco da troca de sexo de nosso felino. Falou que ele já atendia quando chamávamos de Mel, e acenava balançando o rabinho parecia responder ao nosso chamado.

E a amiga, estalando os dedos num clique, respondeu:

- Gibson... Mel Gibson, seu gato é tão lindo e merece o sobrenome de um ator americano, tão belo quanto seu Mel e os dois são mesmo uns gatos.

E minha esposa contente fez um ar de riso e repetiu:

-Mel Gibson!... Adorei.

E assim foi batizado, até hoje lá em casa nosso astro tem demonstrado amizade com todos que chegam a sua volta, é impressionante quando demonstra uma carência de afeto ao esfregar sua cabeça em nossas mãos fazendo e pedindo carinho, da mesma forma retribuímos seus dengos e oferecemos além de amor uma vida digna para um felino ser feliz. Ele todo dia

nos espera atrás da porta com um sentimento de saudade e amizade. É nosso astro rei, sempre ao nosso lado até quando estamos no notebook teclando ele quer ser nosso mause.

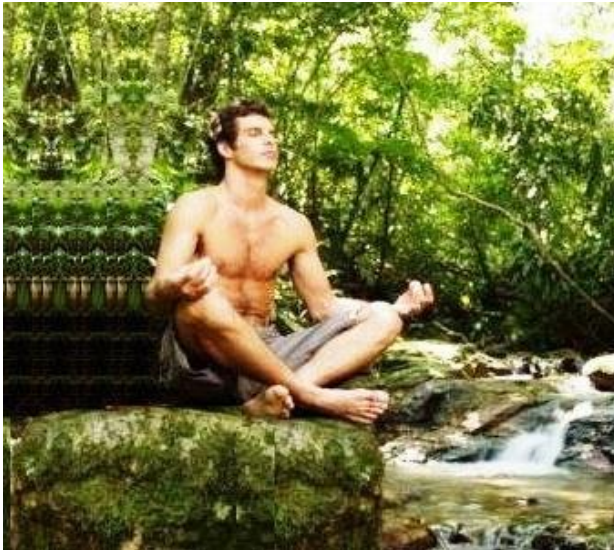
Depois de um tempo Mel ficou mais feliz, ganhou uma companheira, uma gatinha branca chamada Lunna, de pelos macios e sedosos tal um floco de neve, muito carinhosa, charmosa e carente, já faz parte de sua vida.

Este é nosso felino macho, chegou lá em casa e ganhou o nome de Bob, passou uns dias sendo chamado de Mel.

E hoje além de Lunna, Mel tem mais dois amigos, uma gata chamada Meg e um gato chamado Lelo, e lá no nosso pedaço ele é o astro rei, simplesmente como diz minha esposa:

- Mel Gibson... Meu gato!

3.2 – Cheguei até a Ouvir uma Orquestra Ilusória de Sons Inaudíveis Tocando



Deveras, quando aprendemos a ouvir com o coração, os nossos sentidos separam o audível do inaudível. É como ouvir uma sinfonia de olhos cerrados e ouvidos fechados.

Audível... É o que ouvimos, tal como um som ou um ruído, como o barulho da cidade e da balbúrdia que faz o trânsito, as pessoas andando nas ruas e outras correndo e falando. É apito que soa de uma fábrica e o

som de um rádio tocando, do som de um chute na bola e de uma torcida vibrando, do tic-tac de um relógio, de um alarme acordando, dos zumbidos das abelhas rondando as pétalas das flores, do som do ruído das folhas que ao cair vão rolando, do ouvir a voz de um tenor quando ele esta cantando, do choro de um carro de boi quando a roda vai rodando, dos cantos dos passarinhos em revoada voltando, dos gemidos dos prazeres, das volúpias, dos amores.

Ah! O inaudível... Como foram difíceis aqueles dias quando parti pra floresta, tentando por vezes ouvi-lo sem conseguir meu intento. Mergulhei meus sentimentos naquela floresta virgem, dias e noites a fio até meus ouvidos se abrirem e aos poucos sentirem o desabrochar dos sentidos e ouvir sons tão fascinantes que jamais foram percebidos. Meditando, saí de órbita, quase perdi os sentidos, foram horas de introspecção... Sozinho, sentindo, ouvindo.

De repente entrei em alfa... E ouvi o som do silêncio, de um lado, ouvi flores se abrindo e o ruído de um raio de sol, ouvi o som de uma gota de orvalho caindo e o bater das asas de um rouxinol, ouvi o fim da tarde partindo e o ruído da noite chegando, ouvi a beleza da lua surgindo e as estrelas lá no alto, piscando, e mesmo estando tão longe de mim querida, deu pra ouvi teu sorriso... Acabei me apaixonando.

Cheguei até a ouvir uma orquestra ilusória de sons inaudíveis tocando.

3.3 - A Revolta dos Instrumentos



Uma vez, antes da realização de um procedimento cirúrgico na antessala de cirurgia da UTI de um hospital, houve uma estranha assembleia. O corpo médico ainda não tinha chegado, foi então que parte dos instrumentos cirúrgicos juntou-se para expor seus descontentamentos e a importância de cada um deles. Entre os revoltados dentro da bandeja de instrumentos estavam, o bisturi, a serra, o parafuso, o fórceps, a tesoura e outros que não quiseram se envolver na discursão.

Havia um descontentamento geral entre eles, um se achava mais importante que o outro, lá no canto em cima de uma prateleira e sem dar muita atenção à conversa estava, uma velha estufa de esterilizar com sua pintura

branca já descascando nas pontas, mais a frente uma cadeira de rodas e uma surrada maca.

De repente, ouve-se um reboiço e pula da bandeja de instrumentos, o bisturi, dizendo-se injustiçado e batendo no peito comenta:

- Vejam bem, sou a peça mais importante numa intervenção cirúrgica, começa em mim todo processo, faço incisões na pele, nos músculos, e se eu não abrir caminho não haverá cirurgia.

- Sai pra lá, sou eu que sou chamado para agarrar os tecidos depois que ele é cortado, para mantê-lo fora do caminho, ser suturado e manter as mãos do cirurgião livres. Ah! Se não fosse eu, disse o fórceps.

E de cima do balcão ouviu-se uma voz resmungando, era a serra de mão:

- Ora! É certo que agarra os tecidos, mais sou eu que cerro os ossos, notaram a minha importância.

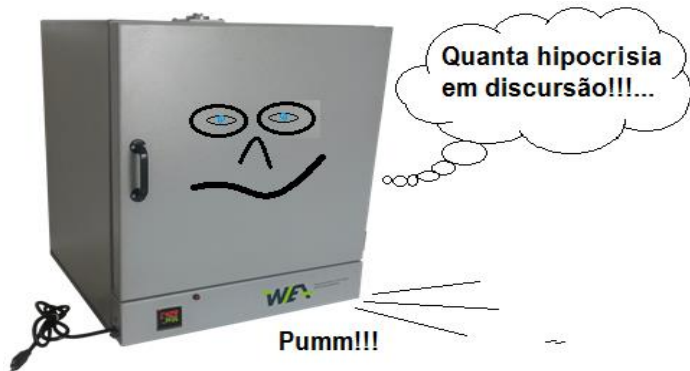
E depois de um ufa! Saindo da rosca e insatisfeito com o que tinha ouvido, o parafuso falou:

- É um faz incisão, o outro afasta, o outro serra, mais sou eu quem junto, sou eu que prende os ossos de novo. Já pensaram isso!

E a tesoura sentindo-se desprezada deu uma rizada e completou:

- Pensei sim! E não é pra me gabar. Não adianta bater, não adianta furar, não adianta cerrar, nem adianta colar... Gente tem tecidos na cirurgia que somente eu sei cortar.

De repente ouviu-se um estampido... Pumm! Fez-se um silêncio.



Dando um puxão no rabicho, desligou-se da tomada de energia e pulou do balcão. Era a estufa de esterilização que enfurecida e revoltada, bafejava:

- Quanta hipocrisia em discursão!
- Esqueceram-se dos procedimentos para alguém se submeter a uma cirurgia?
- E onde ficam as consultas, os exames, a internação, a assepsia, a esterilização, a anestesia. Esqueceram-se da enfermagem... Da habilidade das mãos de um cirurgião?

Nesse momento, entrou apressada na antessala da UTI à enfermeira chefe do plantão, solicitou que uma auxiliar providenciasse tudo para uma nova cirurgia. Mas, antes de sair, observou que algo muito estranho tinha acontecido

e que alguns instrumentos cirúrgicos não estavam na bandeja, à estufa estava fora do lugar, e pior, desligada da tomada, e comentou com sua auxiliar:

- Meu Deus! Temos que colocar tudo isso em ordem, o que aconteceu aqui?

Não sabia ela o que tinha acontecido, e que a “revolta dos instrumentos” tinha ocasionado tudo. Ordenou que ligassem a estufa, esterilizassem tudo de novo e lembrou:

- Cheque todo procedimento, veja se falta algum instrumento ou equipamento, todos são importantes um depende do outro e não se esqueça de nada, finalizou.

Depois de alguns instantes tudo estava em ordem, a estufa ligada em seu lugar, os instrumentos na bandeja limpinhos e esterilizados, a equipe estava completa, o paciente já tinha chegado e estava a espera na mesa de cirurgia.

Tudo checado, exames verificados, assepsia, paciente sedado, anestesia, ao lado o médico auxiliar, o corpo de enfermagem, todos prontos pra começar a cirurgia que aconteceu logo em seguida. Quando tudo terminou, o paciente foi ainda sedado para o quarto e toda equipe cirúrgica, médicos e enfermeiros, se retiraram do recinto. A cirurgia foi um sucesso.

Nesse exato momento, sentindo que devia voltar à discussão a estufa de esterilização disse:

– Amigos, ficou demonstrado que cada um de nós temos o nosso próprio valor e o cirurgião trabalha com a importância de cada um no momento certo. Portanto, em vez de falar que um é melhor que o outro, devemos nos

concentrar que todos juntos somos uma equipe.

E logo a assembleia entendeu que o bisturi fazia o corte com precisão, o fórceps segurava os tecidos, a serra separava os ossos, o parafuso unia e dava força, a tesoura cortava com maestria e a estufa fazia a esterilização.

E todos se sentiram engajados, confiantes como equipe, capaz de trabalharem juntos e produzirem com qualidade. Uma grande felicidade tomou conta de cada membro da equipe que reconheceu a importância de cada um no trabalho.

4.0 - CRÔNICAS

4.1 – Isso Vai Muito Além dos Sentimentos

**Um irmão é um amigo
que Deus lhe deu,
um amigo é um irmão
que seu coração escolheu**

Acreditem... Isso se passa comigo ou com qualquer outro ser humano, quando se trata de convivência, relacionamentos, amizades... Amigos.

É inexplicável o que sinto dentro de meu íntimo... Uma saudosa lembrança de meus pais e a gostosa convivência em casa com meus irmãos.

Passa um filme das lembranças de amigos de minha juventude, revivendo momentos de criança e adolescência e posteriormente já como adultos. Alguns deles já se foram, outros moram longe, mas todos queridos.

Lembro-me das festinhas de aniversários, dos assustados, dos bailes do havaí e matinés dançantes na fênix, dos encontros no bar do Castelinho e na

Boate Middô, dos bailes no late Club, dos fins da noite no Zinga, e no finzinho das madrugadas uma parada na macarronada do Eureka. Tudo era festa!

O tempo foi passando e Deus foi me presenteando com outras pessoas que foram se chegando a minha vida. Veio o namoro, casamento, filhos queridos, muitos parentes e mais tantos outros amigos que andaram comigo nessa caminhada.

Assim quis o destino, andei em avenidas pavimentadas e também em estradas de barro. Percalços, tropeços, mas sempre com Deus me protegendo mostrando novos caminhos e o Espírito Santo colocando pessoas que amo ao meu lado.

Essa convivência com a família, com parentes e com tantos outros, extrapolou a intimidade e isso vai muito além dos sentimentos, da confiança, do respeito, da consideração. Isso tem nome, e eu chamo: AMIZADE.

A amizade é um sentimento tão nobre que se alimenta da verdade e da confiança, e quando bem alimentada dura à vida toda, e somente este sentimento pode mover alguém em direção a outro alguém, para que nele possamos encontrar um ombro para se apoiar, ouvidos para nós escutar, e abrigo para nós acolher.

E esse abrigo tem nome... E eu chamo: AMIGO.

Resta-me agradecer a todos, sejam velhos ou novos amigos, onde, de vez em quando interagirmos com alguns às vezes mais perto, outros às vezes mais longe, que seja presencial ou sem dúvida uma amizade virtual. Abraço a todos, e que Deus proteja a todos nós.

4.2 – Ah! 2016... Porque fizestes isso conosco



Ah! Dois mil e dezesseis o que fizestes conosco, além de protagonizar um ano de pesadelo na política, do arrocho nos salários do povo e da crise financeira, você levou de nós alguns parentes e amigos do peito, achando pouco, levou também muitas pessoas queridas. Fostes mal, abreviando o tempo de vida de alguns, e para estes, o teu relógio do tempo ficou louco.

Levou para o paraíso centenas de pessoas ilustres algumas mais queridas e famosas, entre elas, cantores, atores, médicos, professores, cineastas, boxeadores, jornalistas, jogadores, arcebispos, poetas, escritores. Pouco a pouco a cada mês do ano, fostes calando os sonhos de alguns sonhadores. Ah! Dois mil e dezesseis... Porque fizestes isso conosco!

Nossos palcos ficaram mais tristes sem as músicas de David Bowie, Prince, George Michael, Leonard Cohen, e de quebra lavastes também o nosso Cauby Peixoto. E o que dizer dos nossos teatros, novelas e cinemas. Para alguns fecharam as cortinas, fim do último ato você levou de nós a simpatia de Elke Maravilha, Guilherme Karam, Alan Rickman o “Snape” de Harry Potter. Levou a Tereza Rachel a “Valentine” de que Rei Sou Eu, Héctor Babenco, Carrie Fisher a princesa “Lea” de Star Wars, e afogou nas águas do Velho Chico Domingos Montagner.

Levastes a alegria de Francisco Veloso o Shaolin, o Rubén Aguirre o professor girafales, Muhammad Ali, e deixou o jornalismo calado com o passamento dos comunicadores Gulart de Andrade e Eliakim Araújo. E o futebol, este chorou a partida de Carlos Alberto Torres, e também levastes de nós o Dr. Ivo Pitanguy. Já as letras ficaram de luto com a morte de Haper Lee, Umberto Eco e do nosso grande Ferreira Gullar, Calou o escritor, o poeta e um grande crítico de arte.

Deixou também que partisse precocemente um avião repleto de jovens jogadores, que comoveu o Brasil e o mundo na tragédia do voo da Chapecoense, e calou a pregação cristã do guardião da fé o arcebispo emérito de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns.

Ah! Deus, só uma palavra de consolo para explicar porque tantas pessoas queridas o relógio da vida levou de nós, bom seria ouvir um psicanalista como o Dr. Flávio Gikovate. Ah! Mas que pena, ele também partiu, não mais entre nós.

Ah! Dois mil e dezesseis... Porque seu relógio do tempo levou tantas vidas de pessoas queridas?

4.3 - O Espírito do Natal



Em quase todos os lugares do mundo a humanidade se envolve com festejos natalinos. Muitas confraternizações, árvores natalinas enfeitadas, luzes ornamentam as ruas e avenidas, o comércio cheio de novidades para decoração, muitas bolas coloridas, Papai Noel e suas renas enfeitando os shoppings centers, reuniões de amigos secretos as residências ornamentadas com enfeites e luzes pisca-pisca, as pessoas comovidas e envolvidas neste vaivém dos festejos natalinos inseridas no clima de presentear parentes e os amigos, num frenesim louco de um consumismo desenfreado.

Esse é um filme que todo fim de ano se repete, o consumismo toma conta de todo mundo, quanto mais se aproxima os dias dos festejos natalinos e

fim de ano, o consumismo vai aumentando e a maioria das pessoas se esquece do verdadeiro sentido do Natal.

O que aconteceu conosco?... Cadê o verdadeiro Espírito do Natal?... Esse Natal que se comemora com árvores enfeitadas com um apelo a chegada de Papai Noel e suas renas, duendes, enfeites, presentes, bolas e luzes, esse "Natal" que é vendido pelo comércio, não representa o verdadeiro sentido do Natal.

Para os cristãos, esta data representa a festa em louvor ao nascimento de Jesus Cristo. Trata-se da celebração de seu aniversário, do dia que ele veio habitar entre nós para nos ensinar a respeito do amor, do perdão, do pecado e nos mostrar o caminho da salvação. Essa época deve ser para nos, um momento de reflexão para que através do amor, do perdão e da fé, possamos nos tornar espiritualmente mais elevados e nos aproximarmos cada vez mais da luz.

O autêntico Espírito do Natal está em limpar nossos corações das mágoas, perdoar quem nos feriu, ajudar a todos indiscriminadamente sem ressentimentos, encontrar a paz interior e alimentar em nos o amor. Na prática o Espírito Natalino, na sua essência, está em celebrar o nascimento de Cristo, em suscitar a bondade, a generosidade desse amor incondicional que foi deixado para mim, para você e para toda humanidade como herança por Jesus.

Alimentemos nossa fé, sejamos generosos, perdoemos, deixemos que o Espírito Santo encha nossos corações de luz e de amor. Assim seremos mais Felizes. Esse sim é o verdadeiro Espírito do Natal.

E um futuro e Feliz Natal!... Pra todos!

FIM

Digitação / Concepção / Arte: Airson Oliveira

Título da Obra: Contos e Crônicas

Ano da Edição: 2017